

REPRESENTAÇÕES DA MATERNIDADE EM *POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA ANÁLISE PELA TEORIA DO IMAGINÁRIO

REPRESENTATIONS OF MOTHERHOOD IN *POEMAS DA RECORDAÇÃO E OUTROS MOVIMENTOS*, BY CONCEIÇÃO EVARISTO: AN ANÁLISES THROUGH THE THEORY OF THE IMAGINARY

Ariel Oliveira Leite de Souza¹

Resumo: O presente ensaio propõe a análise das representações da maternidade na obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, a partir da teoria do imaginário. Para isso, foram selecionados três poemas: “Filhos na rua”, “Eu-mulher” e “Bendito o sangue de nosso ventre”. Nestes, a simbologia da maternidade é explorada a partir dos arquétipos dos elementos materiais: fogo, água, ar e terra, conforme estabelecido por Gaston Bachelard. Além disso, tendo em vista a escrevivência proposta pela poeta, este ensaio extrapola as noções do imaginário, cruzando a análise das imagens poéticas com uma discussão sócio-histórica sobre as referidas representações.

Palavras-chave: Escrevivência; Conceição Evaristo; Literatura afro-brasileira; Maternidade; Teoria do imaginário.

Summary: This essay proposes the analysis of the representations of motherhood in the book *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), by Conceição Evaristo, through the theory of the imaginary. In order to do this, three poems were selected: “Filhos na rua”, “Eu-mulher” and “Bendito o sangue de nosso ventre”. In these, the symbology of motherhood is discussed through the archetypes of the material elements: fire, water, air and earth, as established by Gaston Bachelard. Furthermore, through the concept of escrevivência, as proposed by the poet, this essay extrapolates the notions of the imaginary, crossing the analysis of poetic images with a socio-historical discussion about the referred representations.

Key-words: Escrevivência; Conceição Evaristo; Afro-brazilian literature; Motherhood; Theory of the imaginary

A representação da maternidade é primordial na obra de Conceição Evaristo tendo em vista seu projeto literário, explicitado pelo conceito de escrevivência. Segundo a autora, sua escrevivência funciona como um espaço de autoafirmação de suas particularidades e

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração História da Literatura, da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

especificidades como "sujeito-mulher-negra", constituindo “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p.20). Nesse sentido, sua obra consiste em uma autorrepresentação que desconstrói os estereótipos instituídos na literatura brasileira que, ao negar às mulheres negras a maternidade, busca apagar o papel delas na formação da cultura brasileira:

Entretanto, se a literatura constrói as personagens femininas negras sempre desgarradas de seu núcleo de parentesco, é preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo (EVARISTO, 2005, p. 54).

Em depoimento sobre as origens de sua escrita, Conceição Evaristo recupera um ritual realizado por sua mãe em que esta utilizava um graveto como lápis para desenhar um sol na terra molhada. Ela aponta a ancestralidade deste gesto afirmando que “na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas [...]” (EVARISTO, 2007, p. 16). A autora indica tal ritual como o primeiro sinal gráfico que lhe foi ensinado e, deste modo, aponta uma relação primeira de sua escrita com o simbólico. Segundo Gilbert Durand (1993), “O símbolo é, como a alegoria, recondução do sensível, do figurado ao significado, mas é também, pela própria natureza do significado inacessível, epifania, isto é, aparição, através do e no significante, do indizível” (p. 11).

Nesse sentido, a análise das representações da maternidade em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017) aqui proposta tem como base a imaginação material, estabelecida por Gaston Bachelard (1998). Segundo o autor, “O imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens; a princípio, ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material” (p.126). Perpassam essa análise ainda as considerações de Gilbert Durand (1993) e Jean Chevalier (2012) acerca do simbólico. Entretanto, não se pode ignorar o caráter engajado declarado pelo conceito de escrevivência que, conforme explicitado, é essencial na obra de Conceição Evaristo. Deste modo, o presente ensaio faz um cruzamento entre uma análise da materialidade das imagens poéticas e uma discussão sócio-histórica sobre as representações de maternidade nos poemas analisados.

Entre a mulata e a mãe-preta: retratos da mulher negra na literatura brasileira

Conceição Evaristo aponta que a representação da mulher negra na literatura brasileira está ancorada a estereótipos associados às imagens de seu passado escravo “de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor” (EVARISTO, 2005, p. 52). O primeiro estereótipo associado a ela é o da mulata, “animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução” (DUARTE, 2009, p. 06). Segundo Eduardo de Assis Duarte (2003), tal representação chama atenção por apresentar uma sexualidade desenfreada que não traz consigo nem a gravidez nem a maternidade. Deste modo, pela infertilidade da mulher negra, nega-se a própria ideia da afrodescendência.

Um segundo estereótipo que marca a figuração literária da mulher negra é o da mãe-preta, mulher que, apesar de lhe ter sido negada a convivência com o próprio filho, não sente rancor, ao contrário, ama e acolhe a criança branca que deverá amamentar e cuidar. A ela são associados sentimentos de lealdade, resignação, subserviência, e o amor maternal. Segundo Roncador (2008), há no mito da mãe-preta a ideia de que esta é mais fiel à casa-grande que à senzala, o que constitui uma negação “tanto de sua raça quanto de seu gênero sexual [...] a mãe-preta não despertava qualquer perigo de degradação moral da família através da cópula com o senhor ou ‘sinhôzinho’ brancos” (RONCADOR, 2008, p. 131). Construindo-a enquanto ser não sexuado, mata-se a prole da mãe-preta no discurso literário, o que corrobora a negação de uma matriz africana na sociedade brasileira.

Entretanto, a tentativa de apagamento da maternidade da mulher negra através do mito da mãe-preta é mal sucedido, aponta Gonzales (1984). Segundo a autora, “ela não é esse exemplo extraordinário de amor e dedicação totais como querem os brancos e nem tampouco essa entreguista, essa traidora da raça como creem alguns negros [...] Ela, simplesmente, é a mãe [...] Porque a branca, na verdade, é a outra” (GONZALES, 1984, p. 235). Nesse sentido, tendo função materna, a mãe-preta é também responsável pela transmissão de valores e pelo ensino da língua materna, que Gonzales (1984) vai chamar de “pretuguês” (p. 235). Com isso em vista, fica explícito que, ao contrário do que a literatura indica, a influência negra na formação cultural brasileira foi marcante, em grande parte, devido à influência da função de mães das mulheres negras.

Na atualidade, a desconstrução desses estereótipos se dá através da autorrepresentação feita por escritoras negras que buscam inscrever-se no corpus literário brasileiro. Dentre estas está Conceição Evaristo, que afirma que na escrita dessas mulheres “surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido” (EVARISTO, 2005, p. 205). Deste modo, nas obras afro-brasileiras de autoria feminina há escrevivências sobre a dupla opressão que significa ser mulher e negra em uma sociedade que é ao mesmo tempo racista e patriarcal. Entre estes significados está o da maternidade, que é profundamente explorado por Evaristo em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017).

Os arquétipos materiais na poesia de Conceição Evaristo

Gaston Bachelard diferencia a imaginação em dois aspectos: formal e material. De acordo com o autor, “Expressando-nos filosoficamente desde já poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material; ou, mais brevemente, a imaginação formal e a imaginação material” (BACHELARD, 1998, p. 1). A imaginação formal, segundo o teórico, é uma imaginação ociosa, que é fruto de uma contemplação passiva do mundo. Esta resulta no exercício constante da abstração, que faz do homem espectador passivo do mundo que o rodeia.

Aqui, nos interessa a imaginação material, sobre a qual Bachelard (2003) afirma “a imaginação é devolvida à sua função vital que é valorizar as trocas materiais entre o homem e as coisas” (p. 51). Logo, segundo ele, “o imaginário não encontra suas raízes profundas e nutritivas nas imagens, a princípio ele tem necessidade de uma presença mais próxima, mais envolvente, mais material” (BACHELARD, 1998, p.126). Assim, a partir de quatro elementos materiais, o autor estabelece um sistema de investigação da constituição da imagem poética no imaginário literário:

Acreditamos poder falar de uma lei das quatro imaginações materiais, lei que atribui necessariamente a uma imaginação criadora um dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Sem dúvida, vários elementos podem intervir para constituir uma imagem particular; existem imagens compostas; mas a vida das imagens é de uma pureza de filiação mais exigente. Desde que se oferecem em série, as imagens designam uma matéria-prima, um elemento fundamental. A fisiologia da imaginação, mais ainda que sua anatomia, obedece à lei dos quatro elementos (BACHELARD, 2001, p. 08).

Segundo Vera Lucia G. Felicio (1994), a imaginação material ultrapassa a formal ao permitir a concepção dos símbolos como “símbolos motores”, conforme expostos pelos arquétipos de Jung², mas de modo dinâmico que permite a polissignificação do símbolo. A autora aponta a literatura como um exemplo típico dessa questão, na qual não há uma preocupação com os autores, mas com os elementos que os definem “muito embora estes Elementos, que funcionam como arquétipos, não sejam vistos enquanto elementos realmente existentes, mas somente enquanto trabalhados pelo onirismo que resulta na ‘rêverie poética’” (FELICIO, 1994, p. XII). Sobre os Quatro Elementos, afirma:

Os Quatro Elementos não se apresentam como uma lógica externa e mecanicista, mas como fornecedores de um diagrama para a leitura dos textos filosóficos e literários, de sorte que são indispensáveis para a compreensão das obras e de seus autores. Libertando-se de uma abordagem que toma a psicologia do autor como último fundamento, os Quatro Elementos funcionam como uma linguagem primitiva universal. Ao aceitar essa universalidade dos Quatro Elementos, Bachelard chega a uma filosofia que apaga as diferenças enquanto diferenças individuais, transferindo o diferencial para o arquétipo. Os Quatro Elementos aparecem como o “inconsciente natural” das obras, onde já não há variação ou redução possível delimitando a Imaginação (FELICIO, 1994, p. XIII)

Deste modo, Bachelard apresenta o simbolismo dos elementos materiais, os quais observamos em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), destacando aqueles que simbolizam o feminino e o maternal. Já na epígrafe de abertura do livro a temática da maternidade, associada a infância, se faz presente:

O olho do sol batia sobre as roupas estendidas no varal e mamãe sorria feliz. Gotículas de água aspergindo a minha vida-menina balançavam ao vento. Pequenas lágrimas dos lençóis. Pedrinhas azuis, pedaços de anil, fiapos de nuvens solitárias caídas do céu eram encontradas ao redor das bacias e tinas das lavagens de roupa. Tudo me causava uma comoção maior. A poesia me visitava e eu nem sabia. (EVARISTO, 2018, p. 09)

Em *A poética do devaneio* (2006), Bachelard afirma que ao sonharmos com a infância, regressamos aos devaneios que nos abriram o mundo. Segundo ele, “Nos devaneios da criança,

² O conceito de arquétipo, segundo Jung (2000), se refere a imagens universais que estiveram presentes no inconsciente coletivo desde os tempos mais remotos. Podendo designar ainda conteúdos psíquicos que ainda não foram submetidos a qualquer elaboração consciente.

a imagem prevalece acima de tudo [...] O devaneio voltado para infância restitui a beleza das imagens primeiras” (BACHELARD, 2006, p. 97). Portanto, há no devaneio uma idealização da infância e é assim que “há comunicação entre um poeta da infância e seu leitor, por intermédio da infância que dura em nós” (BACHELARD, 2006, p. 95-96). Na epígrafe, há uma idealização de um momento cotidiano da infância, da vida-menina, notável pela simbolização. As pequenas lágrimas, as pedrinhas azuis e os pedaços de anil, referem-se à água que pinga dos lençóis que secam no varal, mas seu significado, no sentido barthesiano,³ está além da banalidade da situação descrita.

A lágrima, segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), é símbolo de dor e de intervenção. Já o azul, presente tanto na cor das pedrinhas quanto no anil, é “Imaterial em si mesmo, o azul desmaterializa tudo aquilo que dele se impregna. É o caminho do infinito, onde o real se transforma em imaginário” (Chevalier e Gheerbrant, 1991, p. 107). Com tais definições em mente, um texto que, a princípio, parece narrar um momento feliz da infância, um dia de sol, a mãe sorrindo enquanto pendura a roupa no varal, na verdade consiste em uma idealização de uma infância que talvez não tenha sido tão feliz assim.

O texto de Evaristo (2017) demanda uma análise que passe pela biografia da poeta justamente devido à autorrepresentação proposta por ela em sua escrivência. No já referido depoimento, *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2007), Evaristo narra um episódio de sua infância em que sua mãe realiza um ritual para que a chuva passe e o sol surja: “O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofarem acumuladas nas tinas e nas bacias” (EVARISTO, 2007, p. 16). Através do excerto fica claro que o sorriso da mãe em um dia de sol retratado na epígrafe não é uma expressão de alegria e sim de alívio por naquele dia poder realizar o trabalho de lavadeira que sustenta a família.

O nascimento da escrita neste momento da infância está explícito tanto no depoimento quanto na epígrafe. No primeiro, a autora afirma: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2007, p. 17). Neste

³ Segundo Roland Barthes (1971), “o significado não é uma ‘coisa’, mas uma representação psíquica da ‘coisa’” (p. 46).

excerto, a escrita tem, inicialmente, a função de fonte de esperança e, posteriormente, de ferramenta de luta, conforme a definição de escrevivência evidencia.⁴ Já no epílogo, ao afirmar “A poesia me visitava e eu nem sabia” (EVARISTO, 2017, p. 09), a narradora indica uma concepção de criação poética em que a poesia vem do exterior, o que é absolutamente oposto à escrevivência proposta pelo depoimento. Essa comparação reitera a ideia da idealização da infância no devaneio do poeta apontada por Bachelard (2006).

Sobre o simbólico, Micea Eliade (1961) afirma que este é “um dado imediato da consciência total, isto é, do homem que se descobre a si mesmo como tal, do homem que toma a consciência de sua posição no Universo” (ELIADE, 1964, p. 41 apud CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 23). Por tal definição, o simbólico vai de encontro a imaginação formal justamente por excluir a atitude de expectador do homem em relação ao mundo. Ele demanda um dinamismo, uma postura ativa em relação ao mundo, que segundo Bachelard (1998), só é possível pela imaginação material.

Dos Quatro Elementos, o que se faz presente na epígrafe é a água. Bachelard (1997) relaciona a água à maternidade. Segundo o autor, na imaginação material, todo líquido é água e tudo que escoar participa da natureza da água. Neste sentido, “Se agora levarmos mais longe nossa busca no inconsciente, examinando o problema no sentido psicanalítico, deveremos dizer que toda água é um leite. Mais exatamente, toda bebida é um leite materno” (BACHELARD, 1997, p. 121). Na obra de Evaristo (2017), esse simbolismo da água maternal fica explícito nas duas primeiras estrofes do poema “Eu-Mulher”:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento tímpanos do mundo.

⁴ Segundo Evaristo (2007) “em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação [...] A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (p. 20)

Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo.

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.
(EVARISTO, 2017, p.23)

Neste, o elemento da água associado à maternidade fica evidente na imagem do leite materno, conforme apontado por Bachelard (1997). O movimento deste leite, que “escorre entre os seios” reitera essa associação. O sangue, sendo um líquido, também é água, como apontado pelo autor. Além disso, este evoca o vermelho, mais especificamente o vermelho escuro, que, segundo Chevalier e Gheerbrant (1991), também evoca o feminino “O vermelho-escuro [...] é noturno, fêmea, secreto e, em última análise, centrípeto; representa não a expressão, mas o mistério da vida [...] Este vermelho, como se vê, é matricial, uterino” (p. 944). Na segunda estrofe do poema, há novamente uma referência ao vermelho, dessa vez explícita, e ao escoamento, através da imagem do rio.

O elemento da água também é explorado na primeira estrofe do poema “Filhos na rua”. A água aqui não é uma água maternal, clara e corrente, mas uma água profunda, escura. Segundo Bachelard (1997), toda água clara tem como destino absorver o “negro sofrimento” e escurecer, deste modo, “Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se e tornar-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer” (p. 49). No poema, a água profunda, representada pelo oceano negro, é relacionada ao banzo:

O banzo renasce em mim.
Do negror de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me a pele
que se alevanta em sóis
e luas marcantes de um
tempo que está aqui

O banzo renasce em mim
e a mulher da aldeia
pede e clama na chama negra
que lhe queima entre as pernas

o desejo de retornar
de recolher para
o seu útero-terra
as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas...
(EVARISTO, 2018, p. 16)

Nesse sentido a negritude desse oceano está associada primeiramente ao preto que, “Simbolicamente é com mais frequência compreendido sob seu aspecto frio, negativo. Cor oposta a todas as cores, é associada às trevas primordiais, ao indiferenciamento original” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 944). Entretanto, justamente pela referência ao banzo, essa negritude está associada também a uma identificação de etnia. Tendo em vista os horrores vividos pelos africanos escravizados nos porões dos navios negreiros, que no século XIX traficavam negros para serem escravizados no Brasil por via marítima, fica claro que o simbolismo do oceano ligado ao sofrimento e a morte é ainda mais presente na literatura afro-brasileira.

Na primeira estrofe, a ideia da maternidade se dá pelo simbolismo da lua e do sol, ambos símbolos do cíclico e do renascimento. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991) “Passiva e produtora da água, ela [a lua] é fonte e símbolo de fecundidade. Ligada às águas primordiais de onde procede a manifestação. É o receptáculo dos germes do renascimento cíclico” (p. 562). A lua e o sol estão ligados ao tempo e, de acordo com os autores, simbolizam a imagem móvel da eternidade. Esse tempo infinito, no poema, indica a perpetuação da dor causada pela perda da terra-mãe e pelos martírios da escravidão impostos aos africanos traficados e escravizados.

Já na segunda estrofe, o elemento central não é a água, mas o fogo e a terra. Segundo Chevalier e Gheerbrant (1991) “A terra fértil e a mulher são frequentemente comparadas na literatura: sulcos semeados, o lavrar e a penetração sexual, o parto e a colheita, trabalho agrícola e o ato gerador, colheita dos frutos e aleitamento, o ferro do arado e o falo do homem” (p. 878). No poema, a temática da maternidade está ligada ao “útero-terra”, que simboliza o continente africano. As sementes, simbolizam os filhos dessa terra, os africanos, que dali foram levados pelo “vento”, que, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1991), simbolizam a violência. A imagem do fogo, expressa pela “chama negra”, neste caso, simboliza o fogo ritual da morte e do renascimento

O poema “Bendito o sangue de nosso ventre” estabelece uma relação intertextual com a oração “Ave Maria”, que faz referência a Maria que, segundo o cristianismo, é a virgem que dá à luz ao filho de Deus. Nesse sentido, a temática da maternidade fica clara, mas, além desta, o tema central do poema é a menstruação. Segundo Duarte (2009), a literatura brasileira retrata a mulher negra buscando apagar sua função enquanto mãe, assim até o sangue menstrual, que é símbolo de fertilidade, está ausente. Deste modo, um poema que trata da menstruação da mulher negra desconstrói o estereótipo da infertilidade da mulher negra, apontado por Duarte (2009),⁵ e restaura uma ideia de afrodescendência.

Minha menina amanheceu hoje
mulher – velha guardiã do tempo.
De mim ela herdou o rubi,
rubra semente, que a
primavera mulher nos ofertou.
De sua negra e pequena flor
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.
Dali pode brotar um corpo,
milagre de uma manhã qualquer.

Ela jamais há de parir entre dores,
Velhas mulheres vermelhecem
Maravilhas há séculos
E no corpo das mais jovens
as sábias anciãs desenham
avermelhados símbolos,
femininos unguentos,
contrassinais a uma antiga escritura.

E ela jamais há de parir entre dores,
há entre nós femininas deusas,
juntas contemplamos o cálice
de nosso sangue e bendizemos
o nosso corpo-mulher.
E ali, no altar do humano-sagrado rito
concebemos a vital urdidura
de uma nova escrita
tecida em nossas entranhas,
lugar-texto original.

E em todas as manhãs bendizemos

⁵ Ao discutir a representação da mulher negra na literatura brasileira, Eduardo de Assis Duarte (2009) afirma que “Chama a atenção, em especial, o fato dessa representação, tão centrada no corpo de pele escura esculpido em cada detalhe para o prazer carnal, deixar visível em muitas de suas edições um sutil aleijão biológico: a infertilidade que, de modo sub-reptício, implica em abalar a própria ideia de afrodescendência” (p. 6-7).

o nosso sangue, vida-vazante no tempo.
Em nossas vozes, guardiãs do templo,
entoam salmos e ladainhas
louvando a humana teia
guardada em nossas veias.

E desde todo o sempre
matriciais vozes celebram
nossas vaginas vertentes
veredas de onde escorre
a nossa nova velha seiva.
E eternas legiões femininas
glorificam, plenificadas de gozo,
o bendito sangue de nosso ventre,
por todos os séculos. Todos.
Amém.
(EVARISTO, 2018, p. 34-35)

Na primeira estrofe do poema, o elemento material central é a água e as imagens poéticas dialogam com as concepções de Bachelard (1997) sobre o caráter feminino e maternal deste elemento. A água aqui é sangue, que escorre e, portanto, tendo em vista das considerações do autor, é matricial. Conforme citado anteriormente, na imaginação material tudo o que escoia é água, segundo Bachelard (1997) “Esta observação é já justificada visualmente, dinamicamente: para imaginação, tudo o que escoia é água [...] A cor pouco importa: ela dá apenas um adjetivo; não designa mais que uma variedade” (p. 121). Nesse sentido, a cor rúbea desse sangue que, segundo Chevalier e Gherbrat (1991), simboliza o feminino apenas reforça as concepções de Bachelard (1997) sobre o elemento.

O caráter matricial deste sangue fica explícito também pela fertilidade que ele implica, conforme lê-se no sexto e sétimo verso da primeira estrofe “Dali pode brotar um corpo, / milagre de uma manhã qualquer.” (EVARISTO, 2017, p. 34-35). Na terceira e na quarta estrofe é notável a valorização deste sangue menstrual enquanto símbolo da capacidade feminina de gerar vida, como lê-se nos seguintes versos “juntas contemplamos o cálice/ de nosso sangue e bendizemos/ o nosso corpo-mulher.” (EVARISTO, 2017, p. 34-35). Neste poema, enquanto integrante da literatura afro-brasileira, tal valorização é particularmente relevante devido ao apagamento da figura da mulher negra enquanto mãe na literatura brasileira citado anteriormente.

Segundo Evaristo (2005), a literatura produzida por mulheres negras busca subverter, através da autorrepresentação, uma fala literária que as ficcionaliza a partir de estereótipos. De acordo com a autora, estas mulheres “Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-

negra deixa de ser o corpo do 'outro' como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria” (EVARISTO, 2005, p. 54). Nesse sentido, no poema, a valorização da fecundidade da mulher negra e de seu papel enquanto mãe é uma forma de resistência dentro de um sistema literário que as invisibiliza.

Na estrofe que encerra o poema, as imagens poéticas ligadas a água maternal são as “vaginas vertentes”, no terceiro verso, a “seiva”, no quinto verso, e o “ventre”, no oitavo verso. O primeiro dialoga com a ideia da água corrente, apresentada por Bachelard (1997), o segundo, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (1991), é símbolo da própria essência da vida e o terceiro é símbolo do feminino e do maternal. Ainda nesta estrofe, destaca-se a exaltação de uma coletividade feminina afro-brasileira, conforme a proposta pelo conceito de escrevivência, como lê-se nos versos “E eternas legiões femininas / glorificam, plenificadas de gozo, / o bendito sangue de nosso ventre,” (EVARISTO, 2017, p. 34-35). Deste modo, o projeto literário de Conceição Evaristo, a escrita como instrumento de luta, fica explícito neste poema.

Considerações Finais

Este ensaio propôs uma leitura da obra *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), de Conceição Evaristo, que analisasse a representação da maternidade negra na obra pelo viés do imaginário. A imaginação material, de Gaston Bachelard, foi a principal teoria que fundamentou essa análise. Dos quatro elementos propostos pela lei das quatro imaginações materiais, a água foi o mais observado nos poemas analisados. Tendo em vista que Bachelard (1997) aponta a água como o elemento material mais maternal, sua forte presença nos poemas de Evaristo (2017) evidencia a temática da maternidade na obra.

Além disso, apresentamos os principais estereótipos através dos quais a maternidade é negada as mulheres negras. Explicitamos, a partir do retrato da maternidade feita por Evaristo (2017), nos poemas aqui analisados, como a autora desconstrói esses estereótipos através da escrevivência. Para isso, evidenciamos a autorrepresentação feita por ela nos poemas através de sua comparação com elementos de sua biografia. O cruzamento entre uma análise dos poemas através do imaginário e de uma discussão sócio-histórica foi essencial para compreensão da importância da representação da maternidade na obra, tendo em vista o sistemático silenciamento sofrido pelas mulheres negras na literatura brasileira.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaios sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**. Tradução Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. Tradução Izidoro Bliksteim; São Paulo: Cultrix, 1971.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução Vera da Costa. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras – Revista de estudos literários**, Paraná, v. 17, p. 6-18, dez. 2009.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, ano I, nº 1, ago. 2005. p. 52-57.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 201-212
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho da minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte, MG: Mazza, 2007. p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FELICIO, Vera Lucia G. **A imaginação simbólica dos Quatro Elementos Bachelardianos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, 1984, p. 223-244.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

RONCADOR, Sonia. O mito da mãe preta no imaginário literário de raça e mestiçagem cultural. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, 2008. p. 129-152.

Artigo recebido em: 31.03.2020

Artigo aceito para publicar em: 24.05.2020